

A LITERATURA COMO ELO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS EM CURSOS BINACIONAIS.

Alcione Moraes Jacques Maschio¹
Cristina Bohn Citolin²

RESUMO: Este ensaio apresenta a proposta de trabalhar literatura, em cursos binacionais, como uma ferramenta que liga os estudos da língua contextualizando e apresentando características de uma região. Desenvolvida na disciplina de Comunicação e Expressão, a proposta visa analisar elementos linguísticos e de representações culturais. A atividade feita com o conto *Rodríguez*, de Francisco Espínola, primeiro passo nesse sentido, representou integração cultural e escolar.

Palavras-chave: Disciplina de Comunicação e Expressão; Literatura; Curso Binacional; Cultura; Região.

ABSTRACT: This trial presents the proposal of working with Literature, in binational courses, as a tool which matches language studies contextualizing and presenting characteristics of a region. Developed in the Communication and Expression subject, the proposal's aim is to analyze linguistic elements and cultural acting. The activity made with *Rodríguez* tale, by Francisco Espínola, first step in this case, represented cultural and school integration.

Key-words: Communication and Expression subject; Literature; Binational Course; Culture; Region.

¹ Alcione Moraes Jacques Maschio é licenciada em Letras Português com complementação em Espanhol pela UCS. É mestre em Letras e Cultura Regional pela mesma universidade. Professora do Instituto Federal Sul-rio-grandense, no Campus Avançado Sant'Ana do Livramento. Atua na área de Comunicação e Expressão nos cursos técnicos binacionais oferecidos em parceria com a Universidad del Trabajo del Uruguay, dentro de projeto piloto da SETEC/ MEC.

² Cristina Bohn Citolin é licenciada em Letras, mestre e doutoranda em Educação pela UNISINOS. Atualmente, é docente do Instituto Federal Sul-rio-grandense, no Campus Avançado Sant'Ana do Livramento. Atua na área de Comunicação e Expressão nos cursos técnicos binacionais oferecidos em parceria com a Universidad del Trabajo del Uruguay, dentro de projeto piloto da SETEC/ MEC.

Alcione Moraes Jacques Maschio - Cristina Bohn Citolin

O primeiro curso técnico binacional do país está sendo oferecido pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, na cidade de Sant'Ana do Livramento. O *Campus* Avançado Santana do Livramento insere-se na campanha gaúcha, num contexto bastante peculiar, onde Brasil e Uruguai são separados – ou unidos – por uma rua. As relações políticas, econômicas e culturais entre os dois países são intensas e constantes, de modo a emprestar à região o título de “Fronteira da Paz”. Livramento, como é chamada por seus conterrâneos, e Rivera são cidades gêmeas, cuja integração marca a história local, levando juntos, agora para as salas de aula, em números iguais, uruguaios e brasileiros.

Para além de porta de entrada para o grande fluxo de turistas atraídos pelo comércio uruguaio, Sant'Ana do Livramento detém vocação agropecuária, com destaque à produção extensiva e aos grandes rebanhos, especialmente de ovinos, que a torna o maior produtor nacional de lã. Rivera, famosa pelo comércio dos *free-shops*, ainda tem sua matriz econômica mais voltada à agricultura e pecuária, à produção e processamento de leite, ao florestamento e indústria florestal, e à mineração.

A disciplina de Comunicação e Expressão, na perspectiva de um projeto piloto, está sendo trabalhada pelas professoras de espanhol e português ao mesmo tempo, nas turmas da tarde e da noite, do curso Técnico em Informática para Internet. Elementos de alteridade, cultura e identidade afloram entre os habitantes da “Fronteira da Paz”, que agora compartilham, além dos espaços públicos, conhecimentos e aprendizagens. A literatura se apresenta como um ponto mais que comum entre os alunos binacionais, dialogando diferenças e semelhanças presentes no dia a dia do fronteiriço. Os dois países encontram-se representados histórica, cultural e geograficamente em obras com contextos e personagens que se confundem, na sua nacionalidade, nesses mesmos aspectos identitários.

Antônio Cândido afirma que “a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua” (DANTAS, 2002:83). Essas palavras refletem o leque de inferências sociais, culturais e históricas que podemos fazer ao nos envolver, e não apenas ler certas obras literárias. Estas podem representar momentos históricos, sociais, políticos, bem como, gostos, costumes, valores de um determinado povo em sua época.

O entendimento de que a literatura é, além do fenômeno estético, uma manifestação cultural, possibilita uma abordagem interpretativa do texto literário, que representa uma forma de conhecimento da realidade e privilegia uma região, um espaço. É da confluência dos aspectos social, econômico, lingüístico, artístico e cultural que se pode tentar depreender o movimento que realiza o homem na sua historicidade, em seus projetos, ideais e suas visões do mundo. Por meio da representação literária, o escritor constrói um mundo singular: produz e recupera imagens e vozes, cria modelos imaginários de sociedade, questiona, provoca e incita o leitor a buscar novas respostas para velhas perguntas.

A proposta de usar a literatura como elo cultural e lingüístico entre os alunos dos cursos binacionais visa provocar na comunidade do Instituto e de outras escolas novos olhares sobre a forma de estudos na disciplina de Comunicação e Expressão. Busca-se mostrar o leque de diferentes regiões e culturas representadas através da literatura, dentro de algumas obras selecionadas. Isso não significa estudar regionalismos. Trata-se de obras que, focando o regional, falam de sentimentos e aspectos universais. O professor, a partir da literatura, poderá proporcionar maior crescimento intelectual ao aluno, pois não se propõe um estudo de épocas e períodos literários das obras, mas um estudo de texto e de contexto que envolve cultura, história, geografia, filosofia, psicologia, entre outros possíveis enfoques. A interdisciplinaridade é uma constante nesse tipo de leitura, pois o autor insere no seu mundo muitos mundos, são histórias da humanidade através de humanos, personagens e autores.

A intenção é a de apresentar a literatura, no seu sentido mais original, como força que transforma o homem no humano, pois as obras literárias revelam-no e depois atuam na sua própria formação. Atualmente, a conjuntura social, política e principalmente familiar, sabe da importância dessa força humanizadora, afinal, apesar dos grandes avanços tecnológicos, ainda somos aquilo que sentimos, sonhamos e vivemos, como simples, mas complexos humanos. Além disso, o trabalho com a literatura na disciplina de Comunicação Expressão em cursos binacionais é o de análise, nos textos escolhidos, das representações culturais. Perceber as diferenças regionais e de identidades, proporcionando uma visão ampla da pluralidade de povos

presentes nas obras contribui para que haja novos olhares sobre a literatura em sala de aula.

Vargas Llosa diz que “nada ensina melhor que a literatura a ver, nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade” (VARGAS LLOSA, 2005:380). Esse conhecimento totalizador do ser humano que se manifesta direta e intensamente através da literatura faz com que se possa conhecer e reconhecer as experiências vividas, vinculando os outros em nossa presença pública e no secreto de nossas consciências. Isso ajuda a ver o próximo, e a nós mesmos, como seres humanos complexos de verdades contraditórias.

Além disso, verificam-se nos textos representações paisagísticas, históricas, de costumes, valores, crenças, entre outras, buscando identificar uma região, contextualizar historicamente os autores e seus textos, relacionar a posição das personagens com o espaço e o período em que vivem na obra, e ainda, buscar diferenças e semelhanças entre povos representados em diferentes textos.

Uma obra literária como manifestação da totalidade dos saberes de um povo, de uma comunidade ou um grupo, é, segundo Paviani,

[...] fonte inesgotável de pesquisa sobre ideias, crenças, hábitos, comportamentos, valores, tipos de organização e de instituição, sonhos e desejos, sucessos e fracassos de uma cultura delimitada pela região e, assim vista como síntese orgânica do conjunto de ‘lugares’, de ‘tópicos’, de aproximações e distanciamentos interculturais (PAVIANI, 2004:81).

Benveniste diz que pensamos um universo que a nossa linguagem previamente modelou (BENVENISTE, 1974). Dessa forma, podemos dizer que a linguagem, utilizada por autores de textos literários, representa o mundo cultural ao qual desejam apresentar. Um antropólogo chamado Alessandro Duranti reforça essa idéia de linguagem como um conjunto de práticas culturais, para ele, o uso da língua é mediado pela cultura (DURANTI, 2002). Esse autor observa ainda que o modo de pensar e se manifestar culturalmente serão limitados pelo modo de pensar da comunidade, o que é consequência das limitações de sua língua.

O estudo de representações literárias, sob o ponto de vista cultural, deve partir do pressuposto de que a cultura não é

apenas uma variável do meio social, mas constitui intensamente a vida em sociedade (HALL, 1997:27). Isso não significa dizer que *tudo é cultura*, mas que toda prática social depende e se relaciona com o significado: “conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo*” (Ibidem:33).

Ricardo Kaliman afirma que existem, no discurso crítico, duas relações entre literatura e espaço (KALIMAN, 1994:5). A primeira é a do lugar de onde se escreve, o espaço da enunciação literária. A segunda relação se dá entre o lugar como tema sobre o que se escreve, o espaço como referência do texto. Partindo dessa última situação surge uma terceira perspectiva: o lugar em que circula a literatura, seja a comunidade para qual se produziu o texto, seja uma comunidade que, ainda que esteja longe no tempo e no espaço dessa produção, recebe o texto e o acolhe em seu seio. Segundo o autor, esta terceira relação subordina crucialmente a duas outras e suscita uma nova abordagem para o conceito de região.

Assim, o conceito de *região*, que deve ser abordado em cursos binacionais, não se restringe aos limites convencionais político-administrativos, pois apresenta uma dimensão cultural, ou seja, um cenário de vida, um local de pertencimento que nasce de uma variada combinação de fatores. É a região que expressa uma identidade formada pela combinação de vários elementos históricos, naturais, econômicos e sociais, cujos aspectos também se denunciam pela paisagem construída pelo sujeito ou representada na literatura (MASCHIO, 2008). O autor literário, de certo modo, torna-se, se não *actor*, representante de um grupo *actor* de uma região. Bourdieu afirma que “qualquer enunciado sobre a região funciona como um ‘argumento’ que contribui para favorecer ou desfavorecer o acesso da região ao reconhecimento e, por essa via, à existência (BOURDIEU, 1998:113).

Trabalhar literatura, em tal contexto e com tais objetivos, pressupõe, além de conceitos pré-estabelecidos sobre linguagem, cultura e região, todos estes aspectos relacionados à fronteira. A situação linguística de uma comunidade fronteiriça constitui um repertório único de variedades, funções, atitudes e representações de diferentes valores simbólicos, que se tradu-

zem na comunicação dos membros que interagem socialmente.

A linguagem, vista pelo conceito de Labov, como um comportamento social, num determinado contexto, comunica as necessidades, ideias e emoções dos seres humanos (LABOV, 1983). A variedade falada pela maioria dos alunos dos cursos binacionais, designada por eles mesmos como *portuñol* (termo que abrange uma maior área de contato, com características linguísticas pouco definidas, ou definíveis), faz parte, nesta fronteira do Rio Grande do Sul com a bacia do rio da Prata, dos Dialeto Portugueses do Uruguai, os DPUs (STURZA, 2011). É a língua nativa, o “fronterizo”, entendida por todos em sala de aula, que supre as necessidades de comunicação e está impregnada de elementos que constituem o imaginário social presente nas cidades irmãs, Livramento e Rivera.

Estudos sobre esta variedade vêm sendo desenvolvidos há muitos anos, em universidades de diferentes continentes. Segundo Sturza (2011), “o marco inaugural sobre a situação das línguas na fronteira Brasil-Uruguai, é o trabalho ‘Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay’ de José Pedro Rona, divulgado em 1959 e publicado, posteriormente, em 1965. Além disso, em 1964, José Pedro Rona publicou *El problema de la división del español americano en zonas dialectales*. Em julho de 2000, é publicada parte do Atlas Linguístico do Uruguai, com os primeiros resultados de um projeto que analisou aspectos gramaticais, demográficos e de léxico de todo o país (ENTREVISTA, 2010). A ação do tempo e da convivência contribuiu para a formação dessa nova língua. O “fronterizo” (DPU) é analisado linguisticamente e culturalmente; é criticado e valorizado; causa orgulho e preconceito; comunica e complica a vida de “hablantes” e pesquisadores.

O real, o simbólico e o imaginário que permeiam toda e qualquer linguagem, justificam a existência de possíveis e praticáveis construções linguísticas que a ciência não alcança conhecer, catalogar e tampouco justificar, como é o caso do “fronterizo”. No entanto, essas línguas existem, comunicam e sempre estão impregnadas de modos de ser, de fazer, de sentir, de viver. Quando elas são desprezadas ou desqualificadas pela sua falta de *status* social e linguístico, é toda uma constituição social, em todas as suas dimensões, que é discriminada (GILVAN, 2003). As coisas, os sentimentos, as maneiras de explicar os

processos laborais, de culinária, de uso de instrumentos, entre outros, da vida desses falantes, são inenarráveis, para eles, em outra língua. Tem mensagens que só se consegue passar através do próprio idioma. Prova disso são as tantas dificuldades sofridas pelos tradutores, mesmo de língua *standard*.

Neste projeto que visa trabalhar a língua e a cultura através da literatura, cujo tempo é de apenas duas horas-aula semanais, o gênero conto apresenta-se de forma mais adequada aos objetivos propostos.

Conto, em geral, é designado como uma narrativa curta. Suas características acentuam a necessidade de uma combinação de incidentes, com o intuito de produzir um determinado efeito ou impressão sobre o leitor e a acentuar a permanência da tensão e a ênfase no desfecho, para o qual todos os elementos da história devem convergir (BITTENCOURTE, 2000:112).

Para o primeiro desenvolvimento de estudos culturais e linguísticos no curso binacional, foi escolhido o conto *Rodríguez*, de Francisco Espínola. O autor é um uruguaio que nasceu em 1901, na província de San José e faleceu em 1973, em Montevidéu.

O único personagem nomeado do conto, de apenas duas páginas, é designado pelo título. E o outro é referido por mais de dez diferentes termos sem nunca ser nomeado. Tais referências levam a crer que se trata da figura do diabo. *Rodríguez* recebe muitas propostas e demonstrações de poder, mas segue firme, olhando o horizonte, em cima de seu cavalo.

A escolha do conto se deu pela proximidade cultural entre o contexto, os valores, os elementos simbólicos, a forma de ser, o comportamento do personagem *Rodríguez* e a figura do gaúcho, ou *del gaucho*, oriundo dessa região e tão presente no imaginário social de santanenses e riverenses. A força, a coragem, o desprendimento, as poucas (ou nenhuma) palavras, foram algumas características observadas pelos alunos dos dois países em aula, que remetem ao habitante do pampa. Para os fronteiriços, um jeito novo de olhar os velhos costumes, os velhos valores passados pelos avós.

A metodologia consistiu em, primeiramente, montar dupla binacionais para fazerem a leitura do conto, cujas cópias foram dadas a cada um dos participantes. Além de integrar os alunos, a intenção era que os uruguaioi ajudassem os brasileiros com alguns termos ou expressões que não ficassem bem

claro, já que o texto era em espanhol. Em seguida, a professora de espanhol leu o conto, frase a frase, parando para os comentários. A professora de português levantava questões de significados, do que tais termos queriam dizer naquele contexto; que inferências poderiam ser feitas; que relações com outros textos, que outras histórias estavam implícitas ali. Enfim, os próprios alunos foram levantando hipóteses para a interpretação dos elementos que foram surgindo.

Os alunos logo perceberam os diversos termos que se referiam a mesma figura, “o outro”, o estranho àquele ambiente, o pampa, mas ainda não sabiam de quem se tratava. As professoras foram apontando as expressões no quadro: “a negra cavalgada; o desconhecido; o interlocutor; o indiscreto; o ofertante; o dos bigodes; o acompanhante; o pegajoso; o ginete do escuro; o importuno; o sedutor”. Logo, surge entre eles a palavra “diabo” e comentários sobre o que ele representava para Rodríguez. Ou, melhor, o que não representava, já que o personagem apenas estava incomodado, “fastidiado por el parloteo” do desconhecido.

A professora de português pergunta se é possível fazer alguma referência à bíblia. Os discentes logo falam da cobra que surge no conto, das tentações, dos sete pecados capitais, entre os que surgem com bastante clareza no conto, a soberba e a ganância (ambas negadas por Rodríguez).

Também foram elencados os elementos da narrativa como o enredo (exposição, complicação, clímax e desfecho), a época e o espaço, sendo este muito conhecido dos alunos.

Após a leitura comentada e debatida possíveis interpretações, as professoras propuseram anotar no quadro elementos regionais e universais do conto. O que identifica uma região e sua cultura no texto e, por outro lado, aquilo que não pertence a uma região específica, mas se trata de algo universal, comum a todos os homens, em diversas partes dos continentes.

A paisagem aparece no conto mais como um indício do que meramente um espaço. Os campos, simbolizando a casa do gaúcho; o cavalo zaino, quase extensão de seu corpo, o centauro dos pampas. Outros termos, que também remetem a cultura regional, como a faca, companheira de lutas e “parrilladas”; o fumo, parceiro das *camperriadas*, foram apontados pelo grupo binacional.

O “sauce”, ou salso chorão, árvore comum da região,

surge no conto sempre relacionado ao “outro”. A explicação que surgiu em aula foi a de que, pela aparência dela, com galhos voltados para baixo, sempre arrastando no chão, como um subalterno, um súdito, estaria representando a submissão do diabo diante do poder do gaúcho em seu trono, o cavalo, e a sua liberdade, sinônimos de felicidade e satisfação de um rei em seus domínios.

Aspectos universais presentes nesta história tão regional nem sempre trataram das atitudes e intenções do “outro”. As relações com textos bíblicos, as tentações, as magias e os feitiços somaram-se às questões de caráter e de firmeza de postura por parte de *Rodríguez*. O regional também está no universal, e vice-versa. Quem nunca se sentiu tentado a “vender a sua alma ao diabo”? Como diz Guimarães Rosa: “o diabo na rua no meio do redemoinho”.

Elencar elementos, fazer comparações, identificar simbologias, fazer possíveis interpretações, buscar indícios da época, do espaço, em um texto literário que representa a cultura vivida pelos antepassados dos alunos fronteiriços e, de certa forma, por eles mesmos, não apenas abre horizontes de aprendizagens culturais e linguísticas, como integra, em sala de aula, uruguaios e brasileiros, tão mesclados nos lares, nas ruas e praças de Santana e Rivera: *Santarera*.

Foi visível a integração de uruguaios e brasileiros “gaúchos” que interpretaram e, de certa forma, se identificaram com o conto. Sabe-se que tal identificação poderia ocorrer com algum aluno do centro do país, por questões universais do conto, tal como a tentação e a força de seguir acreditando naquilo que realmente traz felicidade. Mas, os sentimentos suscitados e as inter-relações de contexto e história, feitas pelos fronteiriços, pode-se dizer, são únicas. Sentir que a sua história pertence àquela história, sentir-se pertencente ao mundo e à cultura que o autor escreve, é algo que deve, sempre que possível, ser proporcionado ao aluno. E isso é bem possível com textos literários.

Trabalhar ao mesmo tempo português e espanhol, na disciplina de Comunicação e Expressão, com alunos de Sant’Ana do Livramento e Rivera, exige um redimensionamento da questão do ensino nessa área. E a literatura supre a necessidade de atingir alunos de dois países, num mesmo espaço e momento, desenvolvendo o estudo de línguas e cultura.

O trabalho com o conto *Rodríguez* representou um primeiro passo junto aos alunos binacionais. No entanto, já se pensa em obras que abordem o tema da fronteira: o preconceito linguístico em relação ao *portuñol*; a convivência tão harmoniosa de famílias que já não sabem se são brasileiras ou uruguaias. Definem-se pelo endereço, mas atravessam a linha divisória várias vezes, se estabelecendo lá ou aqui. Por isso a identidade deles é dupla, é *doble-chapa*. E não é apenas no papel, é de coração também. Eles pertencem a uma região e não a um país.

Nesse sentido se faz tão necessário analisar obras literárias, e mesmo os alunos, tendo em vista conceitos de cultura e região. O entrelaçamento e as trocas linguísticas e culturais são complexas e de difícil análise sem a perspectiva da diversidade desses elementos. Observá-las junto aos alunos e aprender a respeitá-las já significa evolução.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. A questão do enredo no conto: o caso da literatura latino-americana contemporânea. In: BONIATTI, Ilva Maria Bertola. **Literatura comparada**: memória e região. Caxias do Sul: Educs, 2000. p. 112.

BOURDIEU, Pierre. A força da representação. In: **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.107-116.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

DANTAS, Vinícius. **Bibliografia de Antônio Cândido e textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2002.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia del linguaggio**. Roma: Meltemi, 2002.

Entrevista sobre Atlas lingüístico del Uruguay – Rádio El Espectador Uruguay. Disponível em: <http://www.espectador.com/text/clt08044.htm>>. **Acesso em: 22 de novembro de 2010.**

ESPÍNOLA, Francisco. *Cuentos completos*. Montevideo: Arca, 1993.

GILVAN, Müller de Oliveira (org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: novas perspectivas em políticas linguísticas*. Campinas: Mercado das Letras, Associação de leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução de Ricardo Uebel et al. *Revista Educação e Realidade*: cultura, mídia e educação, UFRGS, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KALIMAN, Ricardo J. **La palabra que produce regiones**: el concepto de region desde la teoría literária. Universidad Nacional de Tucumán. Faculdade de Filosofia y Letras. Instituto de Historia y Pensamieto Argentinos. Programa *Tucumán em el contexto de los Andes Centromeridionales*. Documento de trabajo n. 3, Julio, 1994. p. 1-23.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

MASCHIO, Alcione M. J. **A Paisagem em Darcy Azambuja**: outras dimensões. Caxias do Sul: 2008. 93 páginas. Dissertação (Departamento de Letras/Literatura) Universidade de Caxias do Sul.

PAVIANI, Jayme. **Cultura, Humanismo e Globalização**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras*. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a21v57n2.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2011.

VARGAS LLOSA, Mário. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2005. p.38.

Enviado em: 30/05/2011 - Aceito em: 28/07/2011